



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI**  
**CAMPUS SENADOR HELVÍDEO NUNES DE BARROS – CSHNB**  
RAYLA ESTEFANE DA SILVA CARVALHO

**LINGUÍSTICA APLICADA E ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA VISÃO  
METODOLÓGICA PARA O APRENDIZADO DA LEITURA E DA ESCRITA**

**PICOS - PI**

**2019**

RAYLA ESTEFANE DA SILVA CARVALHO

**LINGUÍSTICA APLICADA E ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA VISÃO  
METODOLÓGICA PARA O APRENDIZADO DA LEITURA E DA ESCRITA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao IX período do curso de Letras Português,  
Campus Senador Helvídeo Nunes de Barros.

ORIENTADOR (A): Dr. Juscelino Francisco do Nascimento

**PICOS - PI**

**2019**

**FICHA CATALOGRÁFICA**  
**Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí**  
**Biblioteca José Albano de Macêdo**

**C331I** Carvalho, Rayla Estefane da Silva.

Linguística aplicada e ensino de língua portuguesa: uma visão metodológica para o aprendizado da leitura e da escrita. / Rayla Estefane da Silva Carvalho. -- 2019.

16 f.

CD-ROM: 4 ¾ pol.

“Orientador(A): Prof. Dr. Juscelino Francisco do Nascimento.”

1. Língua Portuguesa. 2. Ensino-Aprendizagem. 3. Leitura e Escrita. I. Título.

*Elaborada por Rafael Gomes de Sousa CRB 3/1163*

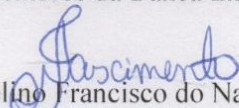


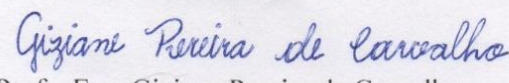
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS  
Rua Cícero Duarte Nº 905. Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí  
Fone: (89) 3422 2032

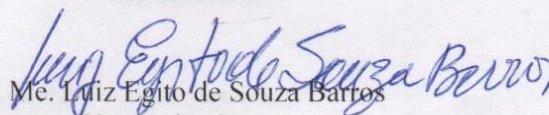
### ATA DE DEFESA DE TRABALHO FINAL DE CURSO

Às 15 horas do dia vinte e um de junho do ano de dois mil e dezenove, na sala 834, do Curso de Letras, na Universidade Federal do Piauí, no *Campus* Senador Helvídio Nunes de Barros, cidade de Picos – PI, sob a presidência do Prof. Me. Juscelino Francisco do Nascimento, reuniu-se a banca examinadora de defesa de Trabalho de Conclusão de Curso de autoria da aluna RAYLA ESTEFANE DA SILVA CARVALHO, do curso de Letras desta Universidade, com o título, LINGUÍSTICA APLICADA E ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA VISÃO METODOLÓGICA PARA O APRENDIZADO DA LEITURA E DA ESCRITA. A Banca Examinadora ficou assim constituída: Prof. Me. Juscelino Francisco do Nascimento (orientador – presidente), Profa. Esp. Giziane Pereira de Carvalho (1ª examinadora) e Prof. Me. Luiz Egito de Souza Barros (2º examinador). Foram registradas as seguintes ocorrências: após a apresentação da aluna pelo Presidente da banca, ocorreu a apresentação do trabalho, seguida de questionamentos pelos membros da banca; finalizando, às 16h. Concluída a defesa, procedeu-se o julgamento pelos membros da banca examinadora, em reunião fechada, tendo a aluna obtido as seguintes notas: 9,0 ; 9,0 e 9,0 . Apuradas as notas, verificou-se que a aluna foi aprovada com média geral 9,0 . E, para constar, eu, Prof. Me. Juscelino Francisco do Nascimento, lavrei a presente ata que, após lida e aprovada pelos membros da banca examinadora, será assinada por todos. Picos, 21 de junho de 2019.

Assinatura dos membros da Banca Examinadora.

  
Prof. Me. Juscelino Francisco do Nascimento  
Presidente

  
Profa. Esp. Giziane Pereira de Carvalho  
1ª examinadora

  
Prof. Me. Luiz Egito de Souza Barros  
2º examinador

## LINGÜÍSTICA APLICADA E ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA VISÃO METODOLÓGICA PARA O APRENDIZADO DA LEITURA E DA ESCRITA

Rayla Estefane da Silva Carvalho<sup>1</sup>  
Juscelino Francisco do Nascimento<sup>2</sup>

**RESUMO:** Neste trabalho, fazemos uma revisão bibliográfica com vistas a apresentar o papel da Linguística Aplicada (LA) no ensino de Língua Portuguesa e quais foram suas contribuições para o professor no que diz respeito à prática pedagógica na sala de aula. Assim, temos o objetivo de refletir acerca das práticas e metodologias que são utilizadas pelo professor, fazendo com que entre em cena a LA e o que pode ser feito por meio dela, a fim de que haja uma melhoria no ensino da língua materna. Desta forma, o ensino de Língua Portuguesa pode abrir espaço para outras metodologias, sendo elas contextualizadas, dinâmicas e capazes de estimular os alunos ao gosto pela leitura e pela escrita. Então serão apresentadas, além dos pontos de ineficácia do ensino, maneiras didáticas para o ato de lecionar, visando assim a um melhor aprendizado e compreensão por parte dos alunos.

**Palavras-chave:** Língua Portuguesa. Ensino-aprendizagem. Leitura e Escrita.

### 1 INTRODUÇÃO

O que não é novidade no ensino de Língua Portuguesa são os resultados não satisfatórios diante das práticas que são utilizadas nas escolas, pois não é de hoje a notoriedade de falhas nesse processo. O que pode ser observado é que alunos e professores têm dificuldades em relação ao ensino, já que, por parte do discente, ele não consegue compreender o que é explicado pelo professor por conta da metodologia utilizada, ao passo que o docente se depara com várias dificuldades por parte daqueles e, muitas vezes, não consegue reorganizar e adaptar sua metodologia às necessidades do seu público.

Para falar do papel da Linguística Aplicada (LA) no ensino de Língua Portuguesa, faremos um breve histórico dessa área e seu surgimento no Brasil, evidenciando que, atualmente, ela é uma área independente e visa pesquisar,

---

<sup>1</sup>Aluna regularmente matriculada no Curso de Licenciatura em Letras/Português da Universidade Federal do Piauí (UFPI), Campus Senador Helvídio Nunes de Barros – CSHNB.

E-mail: rayllacarvalho15@gmail.com

<sup>2</sup>Doutor em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB). Professor Assistente da UFPI – *Campus Senador Helvídio Nunes de Barros*.

E-mail: juscelino@ufpi.edu.br

dentre outras coisas, os problemas do ensino de línguas, para intervir de alguma forma nas dificuldades encontradas.

A partir de estudos nesta área, apresentaremos, sucintamente, sua manifestação no Brasil e sua importância neste ponto específico, que é a LA no ensino de Língua Portuguesa.

Desse modo, objetivo deste artigo, de forma geral, é discutir sobre as dificuldades enfrentadas no ensino, destacando as metodologias, com vistas a realçar o trabalho da Linguística em si e também as contribuições da LA e seu uso para as novas/possíveis metodologias de ensino do português.

Fundamentamos este trabalho em Moita Lopes (2013), entre outros para tratarmos do percurso histórico da LA no Brasil. Com base em Cagliari (2009), veremos alguns pontos da Linguística e o seu enfoque em relação ao ensino, abordando a escrita e a leitura. Kleiman (2009), por sua vez, abordará, a partir dos aspectos cognitivos da Leitura, quais são os objetivos e expectativas sobre esta competência. Por fim, Antunes (2003), ao falar da aula de Português e suas propostas, repensa e propõe o ensino da língua portuguesa através de metodologias contribuintes aos atos de leitura e escrita, para que ambos se tornem úteis na sua execução.

## **2 LINGUÍSTICA APLICADA NO BRASIL**

Como é sabido, a Linguística Aplicada é um campo de estudo interdisciplinar e transdisciplinar. Ela faz investigações e, a partir delas, busca soluções de problemas referentes à Linguagem, mas não apenas dela. Segundo Moita Lopes (2013), a LA teve seu surgimento no Brasil no ano de 1964, com a realização do congresso da Associação Internacional de Linguística Aplicada (AILA). O mesmo autor também ressalta que a professora e pesquisadora Maria Antonieta Alba Celani teve importante atuação neste campo de investigação quanto a sua introdução no Brasil.

Com a fundação da Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB), em 1990, em Recife – PE, foi-se dando início a um processo de independência da LA, que, através dos Programas de Pós-Graduação na área, começou a se firmar cada vez mais, o que demonstra que ela não adota apenas a Linguística, mas segue também para outras áreas, como a psicologia, a sociologia e antropologia.

Paschoal e Celani (2013, p. 19) abordam sobre a LA e sua aquisição de autonomia quanto área de pesquisa, dizendo que:

A partir de uma interpretação multidisciplinar para a solução de problemas relacionados à linguagem, de uma redefinição sempre nova para cada novo conjunto de problemas, a LA adquire uma autonomia organizacional que lhe justifica o uso do nome como área de direito próprio.

Apesar de entender que essa área se aplica direcionada para a Linguística, Paschoal e Celani (2013, p. 21) também constataam que:

Em uma representação gráfica da relação da LA com outras disciplinas com as quais ela se relaciona, a LA não apareceria na ponta de uma seta partindo da Linguística. Estaria provavelmente no centro do gráfico, com setas subdirecionadas dela partindo para um número aberto de disciplinas relacionadas com a linguagem, entre as quais estaria a Linguística, em pé de igualdade, conforme a situação com a Psicologia, a Antropologia, a Sociologia, a Pedagogia ou a tradução.

Fica visível, então, o quanto esse campo de estudo vem se expandindo e se revelando investigador não só de problemas linguísticos, mas também para outras disciplinas que se relacionam com a linguagem. Rajapagolan (2003, p.106,107), a esse respeito, afirma que “[...] é lícito dizer que a linguística aplicada nasceu no berço esplêndido do mundo acadêmico, como uma subárea de investigação dedicada a eventuais aplicações de uma disciplina mãe já consagrada – a linguística geral ou teórica”.

À luz das breves explanações feitas até aqui, o que se configura é que, a partir de tais informações sobre a LA, podemos definir sua importância enquanto área da investigação, sobretudo no âmbito de problemas relacionados ao ensino de Língua Portuguesa, visando, assim, à busca da compreensão de onde estão os empecilhos e de que forma atuar para a resolução destes.

### **3 LINGUÍSTICA E LINGUÍSTICA APLICADA E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

A princípio, com base em Fiorin (2003), é necessário destacar o papel da linguística para as abordagens que serão feitas posteriormente. Fiorin (2003, p. 16) afirma que:

O lingüista procura descobrir como a linguagem funciona por meio do estudo de línguas específicas, considerando a língua um objeto de estudo que deve ser examinado empiricamente, dentro de seus próprios termos, como a Física, a Biologia etc. A metodologia de análise Linguística focaliza, principalmente, a fala das comunidades e, em segunda instância, a escrita.

Algumas ponderações a seguir serão feitas sobre a Linguística e o ensino de língua portuguesa, ainda a partir de Cagliari (2009) e, também, de Kleiman (2009), a qual abordará os aspectos cognitivos da leitura. Esses autores auxiliam-nos a compreender o papel da linguística na sala de aula e como ela se aplica nas competências de leitura e escrita.

Conforme Cagliari (2009, p. 34)

[...] a linguística, entretanto, teve um desenvolvimento extraordinário nas últimas décadas, que não foi acompanhado pela grande maioria dos professores de língua portuguesa de nossas escolas de formação, vivendo à sombra dos grandes mestres do passado.

Com isso, surge a questão de um ensino sem formação continuada por parte dos professores, pois alguns deles não buscam outras formações posteriores às suas graduações, e não acompanham a evolução da linguística e sua relação com o ensino de língua portuguesa.

Cagliari (2009) aponta que ainda há professores que atribuem os fracassos no ensino de língua à intromissão da linguística nas salas de aula, mas o que se sabe é que a Linguística tem como objetivo o estudo da linguagem, porém, não é, *per se*, um método de ensino. A esse respeito, o referido autor assevera que a Linguística

[...] representa, sem dúvida, um enorme avanço nos estudos da linguagem, mas que não foi feita para ensinar português nas escolas, assim como também a informática é uma teoria que se refere a uma função comunicativa da linguagem, mas não é um método do ensino de Português. (CAGLIARI, 2009, p. 36).

Ele ressalta a importância do conhecimento de tais teorias para conhecimento de um professor competente, mas afirma que uma teoria não é uma metodologia de ensino, além de destacar como deve ser feito o uso da linguística no que diz respeito ao ensino de português. Segundo ele,

O uso da linguística no ensino de português tem que ser planejado em conjunto por linguistas e professores de português, com a



colaboração de pedagogos, psicólogos e etc. O linguista vai dar o conteúdo e as técnicas de investigação, o professor e os demais colaboradores do processo escolar vão dosar o ensino, programá-lo na sequência conveniente e buscar as motivações para o aluno estudar português. (CAGLIARI, 2009, p. 36).

Conforme o que foi visto, o autor mostra que, para usar a linguística no ensino de português, é feito todo um processo, que, antes, é planejado, em conjunto, por linguistas, professores de português (os quais acompanham de perto a experiência de ensino na sala de aula) e outros colaboradores, visando, assim, cada um fazer sua parte e alcançar o principal objetivo que é o aprendizado do aluno.

Na mesma perspectiva sobre a importância da linguística como base para o ensino de português, Kleiman (2009) destaca, ao tratar dos aspectos cognitivos da leitura, que, para compreender um texto, o leitor deve dispor de um conhecimento prévio e, entre eles, está o conhecimento linguístico, o qual é:

[...] aquele conhecimento implícito, não verbalizado, nem verbalizável na grande maioria das vezes, que faz com que falemos português como falantes nativos. Este conhecimento abrange desde o conhecimento sobre como pronunciar português, passando pelo conhecimento de vocabulário e regras de língua, chegando até o conhecimento sobre o uso da língua. (KLEIMAN, 2009, p. 13).

Ao utilizar exemplos sobre a importância do conhecimento linguístico, enfatizando que tal é imprescindível à leitura, Kleiman(2009) observou que, sem o conhecimento linguístico prévio, a leitura pode ficar comprometida e, reflexamente, há um bloqueio na compreensão pelo leitor. Segundo ela,

[...] não é apenas a falta de conceituação que pode provocar incompreensão na língua materna; às vezes, não conhecer o nome de objetos concretos, ou de conceitos simples pode também trazer problemas de ordem linguística à compreensão de um texto. (KLEIMAN, 2009, p. 14).

Diante das afirmações a respeito desse conhecimento linguístico, vemos que, ao se fazer uma análise detalhada sobre o assunto, fica nítido o quanto o conhecimento linguístico prévio define o sucesso de uma leitura por parte do leitor, pois esse conhecimento é o ponto de partida que conduz a todo o restante. Consoante Kleiman (2009, p. 14-15),

O conhecimento linguístico desempenha um papel central no processamento do texto. Entende-se por processamento aquela

atividade pela qual as palavras, unidades discretas, distintas, são agrupadas em unidades ou fatias maiores, também significativas, chamadas constituintes da frase.

Baseados em Cagliari (2009) e Kleiman (2009), é possível depreender que a linguística tem um protagonismo no ensino de Língua Portuguesa, auxiliando os professores e demais colaboradores do processo de ensino-aprendizagem a identificar eventuais falhas nesse processo e buscar uma intervenção adequada, que venha a contribuir com o aprendizado dos alunos. Além disso, como foi mostrado neste trabalho, as questões linguísticas têm sua importância no processo de leitura, pois, por meio da ativação do conhecimento prévio, é possível uma melhor compreensão de um determinado texto.

Sabe-se que muitas são as dificuldades encontradas em relação à leitura e à escrita, já que, nas salas de aula, o modo como essas duas habilidades são abordadas interfere no aprendizado dos alunos. Então, para entender melhor como elas funcionam, serão apresentadas as formas como cada uma delas é aplicada em sala de aula, de modo a implicar um aprendizado ineficaz delas.

O ato de escrever, mesmo que comum nas escolas, torna-se, de certa forma, algo automático e sem sentido quando o intuito é a produção de um texto útil e proveitoso para os respectivos leitores deste. Cagliari (2009, p. 87), ao discorrer sobre a leitura e escrita na sala de aula, afirma que “antes de ensinar a escrever, é preciso saber o que os alunos esperam da escrita, qual julgam ser a sua utilidade, a partir daí programar as atividades adequadamente”.

Infelizmente, não é isso que acontece no dia a dia das salas de aulas e os alunos são estimulados a escrever textos ou redações acerca de temas absurdos e sem uma contextualização prévia, além de que, na maioria dos casos, eles não escrevem o que gostariam e nem muito menos da forma que gostariam.

O autor enfatiza que “a maneira como a escola trata o escrever leva facilmente muitos alunos a detestar a escrita e em consequência a leitura, o que é realmente um irreparável desastre educacional” (CAGLIARI, 2009, p. 87, grifos em original) e acrescenta que “ninguém escreve ou lê sem motivo, sem motivação” (CAGLIARI, 2009, p. 87, grifos em original). Constatamos, a partir disso, que a escrita, além da importância de como é produzida, anda diretamente em parceria com a leitura, e que as duas ainda encontram dificuldades em seu desenvolvimento no âmbito educacional. Tanto se faz importante essa relação, escrita e leitura, que

Cagliari (2009, p. 88) ressalta que “a escrita, seja ela qual for, tem como objetivo primeiro permitir a leitura. A leitura é uma interpretação da escrita que consiste em traduzir os símbolos escritos em fala”. Ele destaca, ainda, o objetivo do ato de escrever, ao propor que “a escrita deve ter como objetivo essencial o fato de alguém ler o que está escrito.” (CAGLIARI, 2009, p. 89).

Em se tratando da leitura, é notório que muitos alunos têm certa dificuldade de executar essa competência com exatidão, pois ela vai além de saber reconhecer os símbolos escritos, mas, mais que isso, necessita de uma compreensão maior que habilita o leitor a conseguir interpretar um texto. Nessa direção, Cagliari (2009, p. 89) destaca que

Ler é um ato linguístico diferente da produção espontânea de fala sobre um assunto qualquer. Ler é condicionado pela escrita, mesmo que a restrição seja somente semântica. É exprimir um pensamento estruturado por outra pessoa, não pelo leitor falante.

Ainda acerca dos empecilhos em torno da leitura, Cagliari (2009, p. 130) enfatiza que “a grande maioria dos problemas que os alunos encontram ao longo dos anos de estudo, chegando até a pós-graduação, é decorrente de problemas de leitura”. Infelizmente, essas questões implicam de um modo geral no aprendizado do aluno seja em qual disciplina for, posto que, na visão do autor, o fato de não saber ler e interpretar não o habilitará ao compreender e responder até mesmo uma questão de matemática, já que o problema não é saber ou não as operações, e, sim, o compreender da proposta para a execução dos cálculos, isso porque não teve um treinamento adequado para leitura de números, relações quantitativas e problemas matemáticos.

Diante desta problemática, o autor pontua que isso deve ser repensado por professores de ambas as áreas e até das demais.

O professor de língua portuguesa não ensina isso porque diz que é obrigação do professor de matemática e o professor de matemática ou não desconfia do problema, ou quando muito, acha que ler e compreender um texto é um problema que o professor de língua portuguesa deve resolver na educação das crianças. (CAGLIARI, 2009, p.131).

Visto isso, podemos dizer que ainda está implícito em cada professor (e também nos pais, que não deixam de se fazer importantes nesse papel) o dever de

incentivar e cultivar a leitura em todas as áreas de ensino. Outra assertiva do mesmo autor diz respeito ao ensino em geral:

Não falo de ensino programado, que reduz tudo a um condicionamento pelo texto, mas penso que a escola precisa ensinar aos alunos a ler e a entender não só as palavras, as histórias das antologias, mas também os textos específicos de cada matéria, as provas de cada área, as instruções de como fazer algo etc. (CAGLIARI, 2009, p. 131).

Kleiman (2009), ao abordar a leitura, analisa esse processo e tudo o que está envolvido no seu desempenho. A autora define o que se entende sobre essa habilidade, como essa se desenvolve e qual o objetivo dela ao ser realizada.

A compreensão de um texto é um processo que se caracteriza pela utilização de conhecimento prévio: o leitor utiliza na leitura o que ele já sabe, o conhecimento adquirido ao longo de sua vida. É mediante a interação de diversos níveis de conhecimento, como o conhecimento linguístico, o textual, o conhecimento de mundo, que o leitor consegue construir o sentido do texto. (KLEIMAN, 2009, p. 13).

Logo, entendemos que, a partir do conhecimento prévio do leitor, maiores serão as possibilidades de uma melhor interpretação, visto que ele conseguirá não apenas decodificar o texto, mas construir o sentido dele. Kleiman (2009, p. 13), além disso, afirma que “pode-se dizer com segurança que sem o engajamento do conhecimento prévio do leitor não haverá compreensão.”.

Correlacionando essas duas habilidades, que andam juntas, faz-se necessário repensar as formas de como trabalhá-las para um melhor desempenho por parte do aluno em todas as áreas de ensino, já que:

Exige-se muito mais do aluno com relação à escrita do que com relação à leitura. Isso se deve ao fato de a escola saber avaliar mais facilmente os acertos e erros de escrita e não saber muito bem o que o aluno faz quando lê, sobretudo quando ele lê em silêncio. [...] O privilégio da escrita sobre a leitura na escola se deve a essa maior facilidade de avaliação escolar. (CAGLIARI, 2009, p. 147).

Então, fica claro que há, de fato, muitos empecilhos em relação à escrita e à leitura, mas o que há, também, é a falta de interesse e mais dedicação no trabalho com elas, tendo em vista que realmente não é fácil todo esse processo de ensino-aprendizagem, mas é possível se trabalhado corretamente e arduamente para um resultado mais satisfatório.

Com base no que já foi visto até este ponto, fica claro que não são de hoje as dificuldades encontradas na escola, tanto para os professores como para os alunos, em relação à leitura e à escrita no ensino de língua portuguesa. Nos dias atuais, esses problemas ainda persistem e comprometem o ensino-aprendizagem, sobretudo pela falta de intervenções que venham a resolver ou amenizar tais questões. Também podem existir causas externas ao âmbito escolar, sofridas pelos alunos, e que podem influenciar de forma decisiva nessas dificuldades de aprendizagem.

Antunes (2003) trata dessas questões por meio dos estudos de outros linguistas e, também, pela sua experiência tanto como linguista como educadora e intelectual comprometida com a educação. Ela também mostra sua preocupação com a ligação da função política, no que diz respeito à educação e ao dever com a escola, como exposto a seguir:

Muitas e urgentes são as razões sociais que justificam o empenho da escola por um ensino de língua cada vez mais útil e contextualmente significativo. Sabemos quanto a incompetência atribuída à escola está ligada a conflitos com a linguagem (cf. Soares, 1987), a percepções distorcidas e míticas acerca do que seja o fenômeno linguístico (cf. Bagno, 1999, 2000). [...] Sabemos que a educação escolar é um processo social, com nítida e incontestável função política, com desdobramentos sérios e decisivos para o desenvolvimento global das pessoas e da sociedade. (ANTUNES, 2003, p. 36-37)

A autora discorre sobre o ensino e a responsabilidade de todos os indivíduos envolvidos no processo de educação, assim como fala sobre conflitos na linguagem e a distorção acerca de fenômeno linguístico. Não põe sua visão de responsável por tal processo somente na escola, mas, sim, mostra que ele é um processo social, associado diretamente à política, e que necessita da colaboração de todos para um desenvolvimento global da sociedade em si.

Antunes (2003) também dialoga sobre a intolerância diante do descaso com a escola, onde não há mais uma alfabetização adequada, destacando os mais vulneráveis por causa da pobreza e que não se formam pessoas que saibam ler, escrever ou capazes de se expressar por meio da escrita.

Visto tudo isso, ela faz uma afirmação que deve ser analisada cuidadosamente: “É, pois, um ato de cidadania, de civilidade da maior pertinência, que aceitemos, ativamente e com determinação, o desafio de rever e de reorientar a

nossa prática de ensino de língua”(ANTUNES, 2003, p. 37). Este pensamento idealizado, após estudos acerca das dificuldades, contribui com todo esse processo de renovação das práticas pedagógicas ao ensino de Língua Portuguesa, pois, mesmo com todas essas renovações e com as tecnologias, ainda há professores que continuam presos ao tradicionalismo, continuam a ministrar aulas na monotonia, esquecendo-se de se atualizar e fazer uma diferença visível no modo de ensino.

Considerando que o aluno passa boa parte do seu dia na escola, fica clara a necessidade de esse ambiente ser um lugar acolhedor, que a sala de aula seja um convite para um aprendizado cheio de prazer, fazendo, assim, a diferença na vida escolar desse aluno. Para que isso aconteça, o professor deve buscar metodologias que despertem esse momento de aprendizado, tornando-o menos cansativo e mais estimulante no interesse em aprender.

Como o ensino de português é cheio de regras e prescrições, pode haver certo desinteresse por parte dos alunos e uma possível falta de estímulo em relação à aprendizagem. Logo, é papel do professor o uso de materiais didáticos que abordem os conteúdos programáticos com base em estratégias didático-pedagógicas que sejam mais atrativas aos estudantes.

Nesse sentido, a Linguística Aplicada tem contribuído bastante para a prática em sala de aula, tornando o ensino de língua materna mais dinâmico para os alunos. Essa área aproxima a teoria da produção acadêmica à prática real na sala de aula, já que, em decorrência disso, há um interesse maior no estudo de problemas com o uso de linguagem, e os processos de ensino-aprendizagem então procurando trazer, em forma de novas metodologias, a intervenção necessária para a transformação da educação no ensino de língua portuguesa.

#### **4 REPENSANDO METODOLOGIAS NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Pensando em uma nova metodologia de ensino, destacam-se aqui, as proposições de Antunes (2003), a qual aponta como são as formas de ensino nas escolas e detecta uma série de empecilhos que dificultam o aprendizado dos alunos em relação à escrita, à leitura e a vários outros pontos. A partir daí, ela vê a necessidade de repensar sobre as práticas de ensino em razão de cada competência. Assim, apresentaremos algumas práticas voltadas para o ensino de escrita e leitura propostas pela pesquisadora.

No trabalho com a escrita, Antunes (2003) pontua que há várias falhas na forma de tal prática, as quais deixam o aluno se tornar um autor de escrita mecânica, que não sabe o que de fato e para quem escreve, pois é uma produção feita no improviso, sem qualquer contextualização e expressividade. Segundo a autora, no ensino de escrita pautado em alguns dos vários pontos descritos por ela mesma, na sala de aula, se constata:

Um processo de aquisição da escrita que ignora a interferência decisiva do sujeito aprendiz, na construção e na testagem de suas hipóteses de representação gráfica da língua; A prática de uma escrita mecânica e periférica, centrada inicialmente nas habilidades motoras de produzir sinais gráficos e, mais adiante, na memorização pura e simples de regras ortográficas: para muita gente, não saber escrever ainda equivale a escrever com erros de ortografia. (ANTUNES, 2003, p.25-26).

Ela destaca, a partir desses pontos em relação à execução dessa competência na sala de aula, que, através dessa forma como é aplicada a prática da escrita, surge o insucesso do aluno, pois, se ela é feita de forma genérica, dificilmente vai contribuir para que o discente avance e se desenvolva nessa competência. Além desses pontos anteriores identificados por Antunes, ela esclarece que:

A prática de uma escrita artificial e inexpressiva, realizada em “exercícios” de criar lista de palavras soltas ou, ainda de formar frases. Tais palavras e frases isoladas, desvinculadas de qualquer contexto comunicativo, são vazias do sentido e das intenções com que as pessoas dizem as coisas que tem a dizer. [...] A prática de uma escrita sem função, destituída de qualquer valor interacional, sem autoria e sem recepção (apenas para “exercitar”), uma vez que, por ela, não se estabelece a relação pretendida entre a linguagem e o mundo, entre o autor e o leitor do texto. (ANTUNES, 2003, p. 26).

Consoante Antunes (2003, p. 27), “a prática de uma escrita que se limita a oportunidade de exercitar aspectos não relevantes da língua, nessa altura do processo de apreensão da escrita [...]”.

Ao se tratar da competência leitora, já foram dadas algumas contribuições por Kleiman (2009). É evidente a dificuldade do ato de leitura tanto quanto o da escrita, pois é a partir de uma boa leitura que será possível a escrita de um bom texto, de modo a desenvolvê-lo com coesão e coerência.

Antunes (2003), ao prosseguir com suas constatações sobre as falhas no trabalho dessas competências, expõe como é praticado o ensino do ato de ler, nas salas de aula. Ao se referir às atividades executadas no ensino da leitura, ela observa que:

Uma atividade de leitura centrada nas habilidades mecânicas de decodificações da escrita, sem dirigir, contudo a aquisição de tais habilidades para a dimensão da interação verbal – quase sempre, nessas circunstâncias, não há leitura, porque não há “encontro” com ninguém do outro lado do texto. (ANTUNES, 2003, p. 27).

Ao se realizar uma leitura do ponto de vista “genérico”, o leitor não conseguirá estabelecer uma conexão com o autor e com o texto em si, não compreenderá o que ele quis dizer em si. Antunes (2003, p. 27) também faz menção a uma prática de “uma atividade de leitura sem interesse, sem função, pois aparece inteiramente desvinculada dos diferentes usos sociais que se faz da leitura atualmente”.

Ainda sobre como são realizadas essas atividades, de como se lê nas salas de aula durante o dia a dia, ela destaca que se trata de:

Uma atividade de leitura puramente escolar, sem gosto, sem prazer, convertida em momentos de treino, de avaliação ou em oportunidade para futuras “cobranças”; [...]. uma atividade cuja interpretação se limita a recuperar os elementos literais e explícitos presentes na superfície do texto. [...](ANTUNES, 2003, p. 28).

Diante desses pontos, Antunes (2003) finaliza com uma visão de como é uma escola que se comporta dessa maneira, e como ela leva em consideração o porquê de não haver tempo para a leitura. Segundo ela,

A prática, enfim, “sem tempo para a leitura”, porque, como declararam os alunos, *“tinha que aprender as narrativas, a língua portuguesa e as palavras que a gente fala errado”* ou, ainda, porque *“atrapalha o professor em suas explicações”* (cf. Silva, 1986: 27). (ANTUNES, 2003, p. 28, grifos no original).

Partindo dessas afirmações sobre a problematização do ensino de escrita e leitura, Antunes(2003) sugere uma série de novas metodologias e como usá-las para um maior desempenho dessas competências por parte dos alunos, orientadas pelo professor. Sobre o ato de escrever, ela frisa que “a escrita compreende etapas distintas e integradas de realização (planejamento, operação e revisão), as quais,



por sua vez, implicam da parte de quem escreve uma série de decisões”(ANTUNES, 2003, p. 54).

A autora ressalta que, através de implicações pedagógicas, é criada a intervenção para o trabalho com a escrita. Ao enumerar as características de tal intervenção, ela aponta que deve haver:

*Uma escrita da autoria também dos alunos – A produção de textos escritos na escola deve incluir também os alunos como seus autores. Que eles possam “sentir-se sujeitos” de um certo dizer que circula na escola e superar, assim a única condição de leitores desse dizer.[...] (ANTUNES, 2003, p. 61, grifos no original)*

Antunes (2003) pontua muitas outras características e conceitua cada uma delas, a forma como elas devem se desenvolver e porque devem ser usadas de tais maneiras. São elas (apenas pontuadas), além de uma escrita da autoria também dos alunos, já destacada anteriormente: uma escrita de texto; uma escrita de textos socialmente relevantes; uma escrita funcionalmente diversificada; uma escrita de texto que tem leitores; uma escrita contextualmente adequada; uma escrita metodologicamente ajustada; uma escrita orientada para a coerência global e uma escrita adequada também em sua forma de se apresentar. Assim, fica explícito que:

*A atividade da escrita é, então, uma atividade interativa de expressão, (ex-, “para fora”), de manifestação verbal das idéias, informações, interações, crenças ou dos sentimentos que queremos partilhar com alguém, para, de algum modo, interagir com ele [...]. (ANTUNES, 2003, p. 45).*

A autora se mostra inteirada acerca do real objetivo da escrita, identifica falhas e propõe intervenções. O papel que ela desenvolve é importante para as práticas na sala de aula, posto que, ao saber o que é imprescindível durante o ato de escrever, ela auxilia nesse entendimento e, conseqüentemente, contribui para o avanço no ensino adequado dessa competência, contando com a colaboração dos professores, pois, para ela,

*Para o desenvolvimento da competência de escrever, o professor poderia providenciar oportunidades para os alunos produzirem: listas [...]; pequenas informações aos pais e a outras pessoas da comunidade escolar; programações de atividades curriculares e extracurriculares; convites; avisos; [...]. (ANTUNES, 2003, p. 113, grifos no original)*

Antunes (2003) também aponta as falhas referentes à leitura, já mencionadas no corpo do texto anteriormente, e que, por ser algo que perde sua importância de maneira elevada, devido à prática quase que inteiramente voltada para o ensino de gramática, tem se tornado cada vez maior o número de alunos com um mau desempenho na hora de ler.

A leitura, quando centrada apenas na visão escolar, deixa muito a desejar, uma vez que, ao chegar a sua casa, o aluno, que não tem um acompanhamento externo à escola, vai vê-la como algo estreitamente voltado apenas para a sala de aula, não se interessando, assim, por leituras avulsas e perdendo a chance de fazer leituras prazerosas.

Visto um dos conceitos do que é a leitura, Antunes (2003) apresenta, a partir das implicações pedagógicas, características para intervenção no modo de ensinar a leitura.

*Uma leitura de textos autênticos – Nada poderá justificar uma leitura que não seja a leitura de textos autênticos, de textos em que há claramente uma função comunicativa, um objetivo interativo qualquer. Textos que têm autor(es), que têm data de publicação, que apareçam em algum suporte de comunicação social (jornal, revista, livro, panfleto, outdoor, cartaz, etc.). Textos reais, enfim. [...] (ANTUNES, 2003, p.79, grifos no original).*

Antunes (2003) também aponta mais características posteriormente, conceitua cada uma delas e como devem ser abordadas. São elas aqui (também apenas pontuadas) além de uma leitura de textos autênticos: uma leitura interativa; uma leitura em duas vias; uma leitura motivada; uma leitura do todo; uma leitura crítica; uma leitura de reconstrução do texto; uma leitura diversificada; uma leitura também por pura curtição; uma leitura apoiada no texto; uma leitura não só das palavras expressas no texto. Conforme a autora,

*A leitura poderia abranger todos esses textos produzidos pelos alunos, além de: histórias, com ou sem gravuras em quadrinhos; fábulas; contos; crônicas; editoriais; comentários ou artigos de opinião; notícias de jornal; poemas; avisos; folhetos; cartazes; adivinhas; anedotas; provérbios populares; [...]. (ANTUNES, 2003, p. 117).*

Fica, pois, explícita a importância de como se deve trabalhar com a escrita e com a leitura, pois elas são importantes para um bom desenvolvimento do aluno não só na disciplina de Língua Portuguesa, mas também nas demais disciplinas.

Destacamos que, por meio dessas implicações, é necessário atentar para a melhoria da atuação nessas competências, de forma a contribuir para uma formação mais completa aos alunos, já que leitura e escrita andam em parceria, como frisa Antunes (2003, p. 67): “a atividade da leitura completa a atividade da produção escrita”, de modo que elas são indissociáveis e estão imbricadas.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi aqui apresentado, faz-se importante um olhar de renovação para as práticas metodológicas em relação ao ensino de escrita e leitura, pois se trata de uma busca mais pura para execução dessas competências e com uma finalidade mais útil, por parte dos professores, e mais um conjunto de colaboradores que venham a utilizar essas práticas sugeridas a partir de pressupostos teóricos.

Nesse contexto, a Linguística Aplicada entra em cena, como a protagonista dessa proposta, já que ela estuda as implicações nas formas de ensino e propõe intervenções para a aplicação na prática, a fim de uma melhoria nos resultados de ensino-aprendizagem.

A LA demonstra que está cada dia mais firmada e com propósitos que fazem a teoria se aproximar da prática, procurando visar metodologias que sejam possíveis de serem aplicadas, dado que apenas teorizar não alcança objetivos concretos.

Ao expor as implicações e, por meio delas, sugerir respostas às falhas identificadas, à luz de teóricos que dialogam com essa questão, este trabalho teve como principal intuito fazer uma contribuição para um melhor conhecimento do tema, suas implicações e também quais providências, por meio desses estudiosos, podem ser tomadas diante desses problemas que circundam o âmbito escolar.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, I. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola, 2003.  
CAGLIARI, L. C. **Alfabetização & Linguística**. São Paulo: Scipione, 2009.  
FIORIN, José Luiz. **Introdução à Linguística**. São Paulo: Contexto, 2003.  
KLEIMAN, A. **Texto e leitor: Aspectos cognitivos da Leitura**. 12ª ed. Campinas, SP: Pontes 2009.

MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Linguística aplicada na modernidade recente:** festschrift para Antonieta Celani. – 1. ed. – São Paulo: Parábola, 2013.

PASCHOAL, M. S. Z.; CELANI, M. A. A. (Orgs.). **Lingüística Aplicada:** da aplicação da Lingüística Transdisciplinar. São Paulo: EDUC, 1992.

RAJAGOPALAN, K. **Por uma linguística crítica:** linguagem, identidade e a questão ética. – São Paulo: Parábola, 2003.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA  
"JOSÉ ALBANO DE MACEDO"**

**Identificação do Tipo de Documento**

- ( ) Tese  
( ) Dissertação  
( ) Monografia  
( X ) Artigo

Eu, Raíza Estezane da Silva Carvalho,  
autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de  
02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,  
gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação  
Linguística Aplicada e ensino de língua Portu-  
guesa: uma visão metodológica para os aprendizados  
da leitura e da escrita.  
de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título  
de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 13 de Novembro de 2019.

Raíza Estezane da Silva Carvalho  
Assinatura

Raíza Estezane da Silva Carvalho  
Assinatura